

O papel histórico de Lutero e os marxistas

Paulo Francis
de Nova York

A data correta a notar não é o quinhentésimo do nascimento de Martinho Lutero, e, sim, 1517, quando Lutero se insurgiu publicamente contra o Papado em Wittenberg (não pregou as teses na porta da Igreja. Isso é mais uma lenda sem fundamento histórico). Foi o maior cisma e conflito na história da civilização ocidental a que o Brasil pertence até que Lênin fez a revolução comunista em 1917. Aficionados do jogo de bicho podem carregar no 17 dos dois acontecimentos.

A comparação parece talvez exagerada ao leitor moderno, mas é preciso que considere que de Lutero à queda de Napoleão em 1815 todas as guerras sérias foram feitas em nome da ideologia católica ou protestante (ainda que no último caso os países fossem seguidores de variantes de Lutero e não do próprio, como a Inglaterra). Hoje, tudo que acontece no mundo é rotulado nos EUA de conflito entre "comunismo" e "democracia". A Revolução Francesa é o único evento comparável, mas apesar da intensidade e profundidade foi mais um evento paralelo à revolução industrial (que se atrasa na França, na época a maior potência européia no continente, o que exclui a Inglaterra) do que uma determinante. A revolução de Lutero quebrou a espinha dorsal do feudalismo orientado e até certo ponto conduzido pelo Papado em Roma, e um feudalismo universalista. O conceito de nação moderna é originário de Lutero. Para um exemplo artístico, encantador e de mais fácil acesso do que tratados, o leitor pode recorrer ao prefácio de Bernard Shaw de "Santa Joana" (Shaw considerava Joana D'Arc uma precursora do protestantismo). Um dos adversários de Lutero, o mais brilhante talvez, Erasmo, lamentou que com o protestantismo e o Estado-nação, a cultura européia perdera a língua universal: o latim. Depois de Lênin e a revolução soviética não há decisão de potência que em última análise que não "refira" a efeitos pró e contra o comunismo.

Não precisamos perder tempo com a controvérsia religiosa melhor deixada aos teólogos. Em essência, numa era de fé, Lutero postulou que o homem tinha direito inalienável ao diálogo direto com Deus, dispensando a mediação da Igreja Católica. Foi uma explosão única de individualismo, que liberou energia contra o feudalismo, a favor do mercantilismo e, futuramente, em favor do capitalismo e da democracia. Até Lênin não apareceu ninguém com tal efeito na História. Lutero violou tão radicalmente a ordem feudal-católica quanto Lênin a ordem capitalista.

Um moralista menor

Marx e Engels exageraram um pouco nos elogios a Lutero. Atribuem a ele uma consciência do que fazia que não tem fundamento histórico. Lutero era em verdade um moralista menor, obcecado com a imoralidade da Igreja e querendo reformá-la, não destruí-la. E continha extraordinárias contradições. Rejeitou o humanismo que a Igreja cultivava ao lado da corrupção. Fez o mundo regredir culturalmente ao mesmo tempo que o impulsionava à modernidade política. Marx escreveu que Lutero, revolucionário, enfiou a máscara do apóstolo Paulo (reacionário). Mas o fato é que Lutero se imaginava um novo Paulo. Engels nota que Lutero literalmente criou a classe média (sem lugar definido no sistema feudal, onde predominava a relação de senhor e servo) e que foi poderoso estimulador do mercantilismo (que geraria o capitalismo) contra o sistema de latifúndio feudal. Tudo isso é correto mas jamais passou pela cabeça de Lutero, que, se analisado sem o romantismo habitual de Marx e Engels, eles o teriam descrito como um pequeno burguês moralista. Comparem a vulga-

riedade do credo de Lutero à beleza incomparável do Concílio de Trento (da contra-reforma). O próprio Shaw, sempre um novidadeiro, admitiu que o que o mundo ganhou em modernidade perdeu em beleza.

Mais grotesca ainda é a apropriação de Lutero como "campeão do povo" pelo líder alemão-oriental, Honnecker. A única intervenção realmente política de Lutero foi contra Thomas Munzer, em 1525. Munzer era discípulo de Lutero, um pregador protestante. Assumiu a liderança de um movimento camponês contra a servidão e visando a estabelecer o reino de Deus na terra (assim como hoje tudo vem sob o rótulo de capitalismo ou comunismo, naquele tempo a falsa consciência, a ideologia, carregava sempre o rótulo divino). Houve a insurreição. Lutero se associou aos príncipes ameaçados e exigiu, com a justamente famosa eloquência, que os camponeses fossem enforcados como "cães raivosos". Foram. E Munzer foi decapitado e esquartejado. Outro exemplo do anti-humanismo de Lutero é o anti-semitismo. O que ele escreveu sobre os judeus nada fica a dever a Adolf Hitler, exceto que tinha melhor estilo.

Brasil e Contra-reforma

O Brasil teve a desgraça de ser colonizado por um país em que a reforma não penetrou. Ao contrário, Portugal, como Espanha, foi totalmente dominado pelo retrocesso da Contra-reforma, conduzido com brutalidade stalinista pelos jesuítas, rejeitando o humanismo que tanto encantara Erasmo, caindo na mais negra reação. Daí o bucolismo feudal da colonização brasileira, raramente tocado pelo liberalismo capitalista (Farrapos) ou pela fúria sagrada de Munzer (Antonio Conselheiro). Perdemos o bonde da revolução industrial sob o primeiro e segundo império. A única alternativa a ter força contra a Contra-reforma foi o positivismo, que gerou os nossos tecnocratas. É raro encontrar na nossa história o espírito liberal capitalista que Lutero propiciou. Um dos nossos mais brilhantes ensaístas, Paulo Mercadante, encontra esse espírito nos poetas românticos, de que Castro Alves é o exemplo mais expressivo politicamente, e nos mineiros que geraram, o campo político, a UDN, antes que Carlos Lacerda a empolgasse. É bastante ver o espírito grupal (católico) da cultura brasileira, extremamente resistente à crítica individualista (o que fez o meu nome como jornalista, porque sou um crítico individualista "in extremis", correndo sem muita competição na raia) e a fé boco no processo de um mal digerido positivismo. Até nossos marxistas são escolásticos na exposições, impermeáveis à realidade empírica, e cheios de fé sem fundamento concreto. Foi nosso azar supremo.

Em última análise, claro, Lutero foi tudo que dizem dele. Até a Igreja Católica hoje o honra, o que para quem foi educado como eu, por jesuítas, pré-Segundo Concílio, tem um sabor profundamente irônico. Mas Lutero permanece, como Lênin, um exemplo supremo do que pode o individualismo na História. Não haveria a revolução capitalista sem Lutero e muito menos a comunista sem Lênin (o que Trotsky, num lapso do marxismo ortodoxo que pretendia, admite na história da revolução clássica que nos deixou). O indivíduo permanece essencial na História. Num país como o nosso nunca é demais repetir isso, pois passamos da euforia grupal, na base da emoção e de certas tolas como o "milagre", à depressão também sem análise rigorosa de hoje em dia. Um freudiano ilustre disse que Lutero se livrou da prisão de ventre crônica e torturante que o atormentou mudando o mundo. Bem, a prisão de ventre ficou mesmo para depois da Reforma. Mas qualquer motivo serve para arrancar a sociedade do marasmo conformista.